

**AULAS DE PORTUGUÊS
NA ERA DIGITAL: que
dizem certos alunos?**

PORTUGUESE CLASSES IN THE
DIGITAL AGE: what do certain
students say?

CLASES DE ESPAÑOL EN LA ERA
DIGITAL: ¿qué dicen ciertos
alumnos?

Lícia Maria Freire Beltrão¹
Mary de Andrade Arapiraca²
Jurene Veloso dos Santos Oliveira^{3, 4}

RESUMO

O ensino de Português, numa dimensão histórica, é abordado sob diferentes concepções referentes à língua/linguagem que lhe trouxeram influências, conforme Geraldí (1984). A linguagem, como forma de interação, concepção que revoluciona o ensino de Português, impõe outro tratamento metodológico desse objeto, em que o uso social da língua, em situações relativas ao falar, ouvir, ler e escrever, poderia ganhar importância. A essa concepção se agrega outra, com o alargamento do mundo textual digital, exigindo o redimensionamento metodológico do ensino do objeto aludido. Que dizem

¹Doutora em Educação. Professora Associada II da Faculdade de Educação da UFBA. E-mail: liciabeltrao@ufba.br.

² Doutora em Educação. Professora Titular da Faculdade de Educação da UFBA. E-mail: marya@ufba.br.

³ Mestra em Educação do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFBA. E-mail: jureneveloso.adv@bol.com.br.

⁴ Endereço de contato das autoras (por correio): Universidade Federal da Bahia (UFBA), Programa de Pós-Graduação em Educação. Avenida Reitor Miguel Calmon s/n - Campus Canela - CEP: 40.110 100, Salvador, Bahia, Brasil.

certos alunos sobre isso? Essa intenção move o artigo em questão, tendo as reflexões de Soares (2002; 2009;), Rojo e Barbosa (2015), Coscarelli e Ribeiro (2011), Xavier (2008), Lévy (2010), entre outros, como base.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Língua Portuguesa; Letramentos Digitais; Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT

The teaching of Portuguese, through a historical dimension, is approached under different conceptions of language/languages that influenced it, according to Geraldi (1984). Language, as a means of interaction, a conception that revolutionizes the teaching of Portuguese, requires another methodological approach to this object, in which the social use of language should be relevant in circumstances related to speaking, listening, reading and writing. From the expansion of the digital textual world and the requirement of the methodological change in the teaching of the object another conception is added to that one. What do certain students say about it? This subject is discussed in this article, which follows the theoretical understandings of Soares (2002; 2009;), Rojo and Barbosa (2015), Coscarelli and Ribeiro (2011), Xavier (2008), Lévy (2010), among others.

KEYWORDS: Teaching Portuguese Language; Digital Literacy; Pedagogical Practices.

RESUMEN

La enseñanza del Portugués, en una dimensión histórica, es abordada a partir de distintas concepciones referentes a la lengua/ el lenguaje que le han traído influencias, conforme Geraldi (1984). El lenguaje, como forma de interacción, concepción que revoluciona la enseñanza del Portugués, impone otro tratamiento metodológico de ese objeto, en que el uso social de la lengua, en situaciones relativas al hablar, oír, leer y escribir, podría ganar importancia. A esa concepción se agrega otra, con el alargamiento del mundo textual digital,



revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 5, Agosto. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p116>

exigiendo el redimensionamiento metodológico de la enseñanza del objeto aludido. ¿Que dicen ciertos alumnos acerca de eso? Esa intención mueve el artículo en cuestión, teniendo las reflexiones de Soares (2002; 2009), Soares (2002; 2009;), Rojo y Barbosa (2015), Coscarelli y Ribeiro (2011), Xavier (2008), Lévy (2010), entre otros, como base.

PALABRAS CLAVE: Enseñanza de Lengua Portuguesa; Letramiento Digital; Prácticas Pedagógicas.

Recebido em: 28.11.2017. Aceito em: 26.05.2018. Publicado em: 01.08.2018.

Mudam-se os tempo
Mudam-se as vontades
(...)
(Camões, 1988, p. 284)

Introdução

Aulas de Português motivam estudos e pesquisas. Isso nos diz o volume de escritos e de publicações a que temos acesso. A perspectiva dos estudos e pesquisas varia em conformidade com o tempo e com as vontades. Isso nos mostra a leitura. A leitura também nos mostra que é tempo de pensarmos em aulas de Português que se realizam na chamada era digital. Os estudos, por tantos quantos se interessarem, não de emprestar sentidos a práticas que as caracterizam e as particularizam, na contemporaneidade, face à dinâmica suscitada pelo mundo textual digital e que, do ponto de vista educacional, reclama por redimensionamento de pedagogias correspondentes às suas peculiaridades. Isso é o que compreendemos e almejamos com este artigo. Almejamos, principalmente, pelo interesse do que se sucede na escola, na perspectiva de alunos, trazer ao debate questões do ensino de Português, na dimensão histórica e metodológica, considerando duas variantes que soam como revolucionárias no âmbito educacional: a concepção interacionista da linguagem que clama pelo uso social da língua, em situações relativas ao falar, ouvir, ler e escrever e o mundo textual digital, já referido, objeto que se integra à vida social dos alunos, atendendo a demandas suas que, muitas vezes, são respondidas sem a mediação de professores.

Para isso, na composição do artigo, recorreremos a estudos e estudiosos de importância, mas, sobretudo, à pesquisa *Reflexos do Letramento Digital de Discentes nas Práticas Pedagógicas de Professores de Língua Portuguesa*, ora em desenvolvimento, no âmbito do Programa de Pós-Graduação da Faculdade

de Educação da Universidade Federal da Bahia, e que tem uma escola pública estadual do Ensino Médio, como espaço de sua empiria, pelo que suscitou: o recorte do estudo - Aulas de Português na era digital - e, concomitantemente, a pergunta da qual não podemos nos distanciar: que dizem certos alunos?

Para arquitetá-lo, procedemos a leituras, na perspectiva parafrástica e polissêmica, tal como orienta Orlandi (1987). Por elas acessamos os repertórios pertinentes e apreciamos a fala dos alunos, sujeitos da pesquisa, que se pronunciaram pelas entrevistas e rodas de conversa. Os repertórios e análises foram distribuídos em quatro tópicos, incluindo este que tem caráter informativo e assume o papel de um leitor-guia, e foram escritos na primeira pessoa do plural, garantindo a conjunção das três vozes autorais: a da pesquisadora, a da orientadora e a da coorientadora, vozes de quem também tem aulas de Português, entre os objetos do seu ofício.

Prosseguindo, passamos ao segundo tópico.

Aulas de Português: da dimensão histórica à concepção interacionista da linguagem

Não há como trazer ao debate questões relativas a aulas de Português na era digital, convocando alunos para expressarem suas compreensões, sem nos reportarmos ao passado, puxando o fio da história, ainda que não seja fio tão longo. Optamos pela ancoragem nos anos 60 e dele partimos, sublinhando aspectos que no nosso entendimento são relevantes para o escopo do artigo.

Situadas na década de 60, reconhecemos com Soares (2012) que as aulas de Português desse período poderiam retratar o encontro do texto com a gramática, já que coleções didáticas, como uma de sua autoria, *Português*

através de textos, publicada à época, se organizava de modo a privilegiar esses dois objetos de estudo.

Com ela ainda concordamos que, a despeito do que as coleções didáticas apontavam, sugeriam, as aulas de Português proferidas revelavam a primazia da gramática. Sobre a primazia, ela escreve:

Esta persistente primazia da gramática talvez se explique pela força da tradição que [...] vem dos tempos jesuíticos e persistiu do século XVI até as primeiras décadas do século XX; talvez se explique também pelo vazio que o abandono da retórica e da poética deixou, vazio que somente recentemente começa a ser preenchido pelas modernas teorias de leitura e de produção de textos. (SOARES, 2012, p.153).

Sendo essa ou aquela a razão da primazia, importa menos. O que importa, de fato, é que as aulas, subsidiadas por uma concepção de língua, exterior ao usuário, valorizavam, predominantemente, os usos regulados por uma única modalidade de gramática, a normativa, que orientava estudos, no abstrato, de uma metalinguagem que visava à memorização e à repetição de conceitos e de classificações. Aulas de Português proferidas na década de 60, portanto, equivaliam à prática da metalinguagem conceitual e classificatória, tomando por base a gramática normativa da língua.

As proferidas nos anos 70 assumiram diferente conotação. Nesse contexto educacional, nos diz Beltrão (2006), as contribuições de Mc Luchan a respeito do mundo comunicacional e midiático, pondo em questão a era de Gutenberg, prevaleceram e influenciaram no teor do Parecer 853 do Conselho Federal de Educação, decorrente da Lei da Reforma do Ensino, nº 5692/71, aproximando o ensino de Português da Teoria da Comunicação Humana, teoria sustentada pelas informações difundidas por Hayakawa (1972) e Penteadó (1969), muito mais do que pelas publicações dos linguistas pesquisadores

nacionais e estrangeiros. Essa aproximação resultou na reorganização do campo disciplinar, e a disciplina Português passou a ser incorporada a um campo de estudo nominado Comunicação e Expressão, no qual predominavam os repertórios afinados com os circuitos da comunicação humana, com ênfase no papel dos participantes, o emissor e o receptor, bem como nos demais elementos: canal, meio e mensagem.

Contemporaneamente, as contribuições de Skinner (1972), no contexto educacional, eram festejadas na perspectiva da aprendizagem que se fazia pela via do condicionamento, da repetição, do controle. Reforçar para aprender era o princípio. Desenvolver técnicas e métodos, aprimorando o ensino, era objetivo adequado a uma educação que se fazia mecanicista e com perigo de se tornar promotora da alienação, principalmente porque as mudanças aludidas não tinham sido geradas por demandas de ordem social e cultural, próprias do transcorrer histórico, mas por razão de ordem política e ideológica resultante das interferências do governo militar instaurado no país, no ano de 1964, como bem comenta Soares (2012).

Com relação às aulas proferidas na primeira metade dos anos 80, podemos dizer que seguiam concepções similares. Entretanto, no nosso parecer, a publicação da 1ª edição de *O Texto na sala de aula: leitura e produção*, livro organizado por Wanderley Geraldi (1984), trouxe consigo importante tensão e se tornou um marco para todos quantos tinham sua atenção voltada para os estudos em torno das aulas e do ensino de Português, numa dimensão histórica e metodológica.

No caso de duas de nós, líamos-estudando, pela primeira vez, em *Concepções de Linguagem e Ensino de Português*, capítulo do livro referido também assinado por Wanderley Geraldi (1984), sobre a concepção

interacionista da linguagem e antevíamos consequências, caso as aulas de Português por nós protagonizadas fossem por essa concepção subsidiadas.

A seu respeito, considera Geraldi (1984) que a linguagem é uma forma de inter-ação e, por isso, mais do que possibilitar transmissão de informações que liguem o emissor ao receptor da mensagem, a linguagem deve ser vista como lugar de contato humano. Por seu intermédio, o sujeito que fala praticaria ações que não conseguiria praticar a não ser falando; com ela, o falante agiria sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não pré-existiam.

Nesse sentido, a língua só passaria a ter existência concreta, real, no jogo que se joga socialmente, na interlocução, e, no interior de seu funcionamento, procurar-se-ia estabelecer as regras de tal jogo. E concluindo: Estudar a língua nessa perspectiva equivaleria a se tentar detectar os compromissos que se criariam através da fala e as condições que deveriam ser preenchidas por um falante para falar da forma que fala em determinada situação concreta de interação. O sujeito, usuário da língua, e as condições sociais e históricas em que os usos se operariam, envolvendo o outro sujeito, a temática a ser tratada e sua intencionalidade, o lugar e tempo da interlocução passariam a orientar aulas de Português que, certamente, se caracterizariam pelo uso vivo, variável, dinâmico da língua e as circunstâncias do seu uso.

Estávamos, não tínhamos dúvidas, diante de uma revolução conceitual que atingia a pedagogia do Português. A linguagem, como forma de interação, clamava, subjacentemente, por um tratamento metodológico diferenciado, em que o uso social da língua, em situações relativas ao falar, ouvir, ler e escrever, constituindo três eixos do ensino: a prática de leitura de textos, a prática de produção de textos e a prática de análise lingüística, ainda conforme Geraldi (1984), poderia ganhar importância. Poderia... Como poderia ocorrer reflexão

em torno das demais concepções de linguagem abordadas também por Geraldí (1984) que influíram nas aulas de Português a propósito da sua necessária superação: a linguagem como expressão do pensamento, já que, entre outros aspectos, exclui a condição de interação entre os sujeitos, valorizando o sujeito pensante e a língua que externa seu pensamento, e a linguagem como instrumento de comunicação, já que, na relação entre sujeitos, a importância recai sobre o domínio do código utilizado, considerando-se a posição específica que ocupam no circuito da comunicação.

Muitos anos mais tarde, já no declínio do século XX, no ano de 1997, logo em seguida à publicização de mais uma versão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no 9394/96, por iniciativa do Ministério de Educação, um novo paradigma referente ao ensino de Português, logo a aulas de Português, é editado, com efeito para todo território nacional, sob a forma de Parâmetros. Com 14 anos de atraso, as concepções debatidas por Geraldí (1984) bem como seus anúncios sobre ensino e aulas de Português passavam a ser institucionalizados.

A institucionalização gerada há 20 anos, todavia, ainda não garantiu que a ansiada revolução conceitual ocorresse. A persistente primazia da gramática, prevista por Soares (2012), parece prevalecer. Por inferência, dizemos que a persistência está sendo, não somente prevista, mas vista por Antunes, vez ser dela o desejo copiado: "que se chegue a uma escola em que o estudo da língua não se reduza a um conteúdo insípido e inócuo, destituído de sentido social e de relevância comunicativa." (ANTUNES, 2012, p. 121). Desejo que tomamos como nosso. Desejo não desvinculado da compreensão de que não se podem ter dúvidas de que, contemporaneamente, as demandas dos alunos já se mostram outras. Imersos no mundo digital, as práticas de leitura, escrita e

oralidade que assumem, em diferentes suportes, vêm se intensificando e impondo interação intensa. É apropriado e urgente que, a seu favor, consideremos e reconsideremos as aulas de Português que se sucedem na era digital. São muitos os desafios que trazem, exigindo redimensionamento metodológico, além de outros esquadrinhamentos como os que serão tratados nos próximos tópicos.

Os alunos na era digital: algumas leituras

É cada vez mais comum o uso dos meios digitais pelas pessoas no seu cotidiano, nos mais diversos espaços e momentos de suas vidas. Conforme Lemos (2003) e Lévy (2010) isso se deve ao fato de a sociedade estar vivendo, há um longo tempo, na chamada cibercultura. Para fazer uso de tecnologias, como esta - TV, computador, tablet, celular - e fazer parte do contexto social em que essas tecnologias se fazem presentes, é de suma importância que as pessoas sejam digitalmente letradas. Mas, que isso significa? Que vem a ser letramento digital?

O letramento digital é um tipo de letramento que tem sido tratado na atualidade, em decorrência das novas formas de comunicação que vêm surgindo, principalmente, com o advento da internet. Tal letramento, segundo Ribeiro (2009), é denominado também de: informacional, computacional, midiático ou multimidiático. Independente do termo adotado, importante se faz compreendê-lo, bem como apontar e se discutir as muitas possibilidades que traz para o desenvolvimento dos sujeitos, tanto em nível social quanto em nível escolar, devido ao acesso e uso dos diferentes gêneros digitais, tais como blogs, chat, e-mail, vídeo conferência, lista de discussões, que passam a existir e a coexistir com os gêneros tradicionalmente conhecidos nos meios quirográficos

(escritos ou copiados) e tipográficos (impressos). Sobre a coexistência, comenta Soares,

[...] o momento atual oferece uma oportunidade extremamente favorável para refiná-lo e torná-lo mais claro e preciso. É que estamos vivendo hoje, a introdução, na sociedade, de **novas e incipientes modalidades de práticas sociais de leitura e escrita, propiciadas pelas recentes tecnologias de comunicação** – o computador, a rede (web), a Internet. É, assim, um momento privilegiado para, na ocasião mesma em que essas novas práticas de leitura e de escrita estão sendo introduzidas, captar o estado ou condição que estão instituindo um momento privilegiado para identificar se as práticas de leitura e escrita digitais, letramento na cibercultura; conduzem a um estado ou condição diferente daquele a que conduzem as práticas de leitura e de escrita quirográficas ou tipográficas, o letramento na cultura do papel [...] (SOARES, 2002, p. 146) (grifo nosso)

Já sobre o letramento digital, de quem acolhemos o que concebe, Soares diz que se trata de:

[...] um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel. (SOARES, 2009, p. 151)

Deslocando nosso olhar para a Escola Pública, consideramos que é importante falar sobre seus alunos, vez que também fazem uso dessas tecnologias e fazem parte dessa cibercultura, que é realidade, apesar da resistência de muitos professores. Muitos deles ainda dão suas aulas como se não vivessem a era digital, sobretudo em relação às múltiplas possibilidades propiciadas pelo advento de novos suportes de leitura, de escrita e de publicização de gêneros textuais. Essa ponderação não exclui o fato de sabermos que as instituições públicas de ensino, em geral, enfrentam muitos

problemas, que vão desde sua estrutura física deficiente, passando pela ausência de tecnologias máquínas, salas superlotadas, professores mal remunerados, desvalorizados socialmente, ausência de maiores investimentos pelo poder público, indisciplina, violência à insegurança. Enfim, que são muitos os entraves que podem deixá-los à margem, de algum modo, da cibercultura e do que esta proporciona. Entretanto, podemos afirmar que, sim, os alunos, apesar de todas as dificuldades, apesar de todas as previsíveis impossibilidades, conseguem imergir no contexto de uso das tecnologias digitais. Mas, como isso acontece?

A percepção que temos é de que isso se dá, na maior parte das vezes, de forma apartada da sala de aula, longe do olhar e da orientação de um professor, longe da escola e do que ela poderia oferecer. Considerando esse fato, ouvimos Xavier (2008). Para ele, a escola, normalmente, não incentiva os alunos, e eles estão se "autoletando". Mas, de que maneira isso pode ocorrer? Para o referido autor, os alunos se inserem no contexto digital de forma autônoma, independente do que acontece no processo ensino e aprendizagem escolar, pois os professores raramente têm feito uso metodológico de tecnologias digitais em suas aulas. A linguagem dos jovens é digital, a do professor, por sua vez, quase nunca o é; normalmente é tipográfica, envolvendo escritas de exercícios, de textos ou, quando muito, analógica, visto que, eventualmente, a título de exemplo, alguns usam um filme.

Considerando esse contexto, Xavier (2008) opina que o papel do professor deve ser o de um mediador da aprendizagem voltada para o exercício do poder de criticidade do aluno frente às diversas demandas que lhe surgem. Tal criticidade pode ser trabalhada didaticamente, por meio do uso das tecnologias digitais, de diversas maneiras, em diferentes campos do conhecimento. O que

chama mais a atenção, entretanto, para nós é o da Língua Portuguesa, posto que tem equivalência com o nosso idioma, objeto mais usado nos ambientes digitais, sobretudo em sua forma escrita. No caso do professor desse campo do conhecimento, sua mediação seria facilitada pela possível articulação com as habilidades linguísticas referentes ao ler e escrever, extensivamente ao ouvir e falar.

Atentas a esse debate, uma de nós, implicada diretamente com a pesquisa já referida, *Reflexos do Letramento Digital de Discentes nas Práticas Pedagógicas de Professores de Língua Portuguesa*, que tem a empiria desenvolvida em uma escola da rede estadual de Feira de Santana/BA, a fim de tecer algumas considerações de importância sobre conhecimentos e usos de tecnologias digitais por parte dos alunos de uma turma de 1º ano do Ensino Médio e da percepção deles sobre a forma como a aula de Português acontece, em plena era digital, dentro dos muros da escola, procurou ouvi-los.

Para isso, foi realizada uma roda de conversa e aplicação de um questionário, sobre a temática em relevo. O questionário, dividido em duas partes, possibilitou o cumprimento de dois objetivos: identificar os tipos de recursos tecnológicos e aplicativos mais utilizados pelos alunos, através da primeira parte, e identificar o uso dos meios digitais bem como a relação que os alunos conseguem estabelecer entre o uso e o aprendizado da Língua Portuguesa em contexto escolar, através da segunda. Somem-se a isso observações constantes, realizadas pela pesquisadora, no cotidiano dos alunos, fora da sala de aula, mas dentro do espaço escolar: nos corredores, no pátio, na área externa.

Muito embora a roda de conversa tenha revelado a receptividade dos alunos, o elevado grau de informação que detêm sobre o tema proposto e o que soava novidade para eles: refletir sobre o uso e o aprendizado da Língua Portuguesa naquele espaço, sua utilidade e relevância, optamos por apresentar neste artigo as leituras e análises do questionário aplicado, pela abundância de informações geradas, tendo por base as orientações de Orlandi (1987).

Com a análise da primeira parte do questionário, constatamos que a quase totalidade dos alunos tem acesso à internet, sendo que 96% a tem, via conexão em sua própria casa, e apenas 3%, via a Lan House, o que mostra que tais alunos possuem meios físicos necessários para se inserirem no uso das tecnologias digitais, sobretudo, aquelas propiciadas pelo uso da internet, com acesso ao conhecimento e a informações de todos os tipos.

Quanto aos recursos tecnológicos que dispõem para acesso à internet e às tecnologias digitais, em geral, obtivemos o seguinte resultado: 100% acessa a internet por meio de seus celulares, os quais já agregam múltiplas funções que acabam por transformá-los em minicomputadores, com diversas funções digitais e, devido a sua portabilidade e ubiquidade, facilita o uso e acesso à internet, inclusive na sala de aula; 51% usa computadores pessoais e notebooks; 19% usa o *tablet* e 16% possui TV digital em seus lares. Observe-se que é número bem mais reduzido do que o número de celulares. Inferimos que isso pode ocorrer porque nem sempre os tablets são fáceis de carregar consigo, ou de funcionar tão bem quanto os celulares; a TV digital, por sua vez, possivelmente, esteja sendo preterida porque os alunos preferem assistir a filmes, vídeos, ler notícias no formato digital oferecido pelo computador. A *smart TV*, que agrega as funções de TV e de computador no mesmo aparelho, foi indicada apenas por 3% dos alunos. Inferimos que isso se deve ao custo

ainda elevado desse aparelho em relação às TVs digitais comuns. O E-book, livro eletrônico, normalmente lidos nos leitores virtuais, ofertam uma vasta gama de leituras de livros digitais e arquivos em pdf, e outros formatos, por sua vez, não faz parte do rol de aparelhos desses alunos.

No que se refere ao uso de aplicativos e redes sociais mais utilizados, obtivemos os seguintes dados: 96% Facebook; 93% WhatsApp; 90% Messenger; 93% You Tube; 58% Instagram; 51% Google+; 16% Snapchat; 10% Twitter. Como se pode observar, trata-se, em geral, de aplicativos e redes sociais nos quais os usuários podem interagir e compartilhar ideias, grupos de interesse, imagens, participar de chats, postar vídeos, dentre outras funcionalidades.

No que tange ao tipo de uso ou de informação que os alunos costumam fazer/buscar nesses aplicativos e redes sociais, verificamos que 83% assiste a vídeos; 80% gosta de assistir e ouvir clipes de música; 54% participa de games; 38% participa de chats; 25% faz pesquisas em sites diversos e, por último, 12% acessa *blogs*.

Sobre o tipo de leitura comumente realizado pelos alunos e os gêneros digitais mais conhecidos no ambiente virtual, ficou perceptível que há grande preferência deles por letras de música (73%); 61%, por sua vez, o utiliza para obter informações, tendo em vista pesquisas escolares; 51% acessa notícias de seu interesse pessoal; apenas 22% costuma ler livros nos meios digitais e revistas; 19% afirmou ler poemas e 16% lê histórias em quadrinhos nesses ambientes. Os contos, no formato digital, foram indicados por apenas 10% dos alunos.

Acerca da habilidade de escrita e dos espaços virtuais onde costumam praticá-la, a maioria deles, (80%), afirmou que escreve nos meios digitais e

informou que costuma fazer isso, sobretudo, nas redes sociais, como WhatsApp, Facebook, Instagram e Skype. 3% dos alunos declarou que costuma utilizar o bloco de notas; 19% de alunos informou não ter prática de escrever por meio de suportes digitais, o que vale aqui tecer um comentário: configura-se como incoerente, pois, para usar a maioria dos aparelhos que possibilitam o acesso aos meios por eles apontados e, anteriormente, considerado, é necessário escrever.

No Facebook e no WhatsApp, o indivíduo pode escrever mensagens, comentários diversos, enviar imagens com textos, dentre outros. Já no Instagram, também pode enviar comentários acerca de fotos e outras imagens compartilhadas pelos seguidores. O bloco de notas, que foi indicado por um aluno, nessa questão, é usado pelo mesmo para anotações pessoais e trabalhos escolares. Enfim, é possível escrever no sentido produtivo, elaborado, com autoria assumida responsabilmente e com fios da textualidade requerida por quem entrou no jogo discursivo acionado pelo outro, seu interlocutor.

Acerca das habilidades dos alunos para utilizarem os meios digitais, ficou nítido que eles detêm a capacidade suficiente para: 90% fazer pesquisas escolares; 58% pesquisar textos de seu interesse; 45% digitar e formatar textos; 22% produzir vídeos e preparar slides – com texto e inserção de imagens; e 12% costuma fazer desenhos. Em uma escala hierárquica, então, vê-se que: os alunos conseguem realizar pesquisas escolares e textos de seu interesse (que não o escolar obrigatório), pois o acesso aos conteúdos nos meios digitais é muito vasto e facilitador; quanto à questão das habilidades de digitação, os alunos costumam apelar para os corretores ortográficos, que os auxiliam na escrita de forma geral, já quanto à formatação de trabalhos escolares e outros textos digitais eles acabam aprendendo, não raro, pela curiosidade e pela necessidade.

Dando continuidade, passamos à segunda parte do questionário aplicado. Nesse caso, os alunos responderam, de forma mais livre, a questões abertas, devidamente justificadas, no que diz respeito ao uso das mídias digitais no aprendizado da Língua Portuguesa.

Com a análise, ficou perceptível que eles conseguem compreender e identificar a relação entre o uso das mídias digitais e o aprendizado da Língua Portuguesa, sobretudo porque realizam leitura, atividade inerente a aulas de Português e dela dependem para a realização de pesquisas no espaço midiático. O que declararam segue exposto, com a identificação específica dos Alunos informantes por numeração ordinal.

Aluno 1: [Sim, porque], nos podemos entrar em sites de pesquisar, poemas, poesias, teoremas etc. Agente pode pesquisar mais sobre o barroco, aprender mais sobre os adjetivos os verbos substantivos.

Aluno 5: Ajuda com diversos textos do interesse particular. Ajuda com as atividades, poemas, livros, quadrinhos, contos etc. e tudo isso ajuda no desenvolvimento da leitura e da escrita.

Aluno 10: [Sim. Porque] ajuda bastante agente, em pesquisas de escolas, aprendemos mais, sobre os erros e acertos das palavras, as vezes, não sabemos como escrever o certo, e ajuda muito os assuntos que a pró passa, nós chega lá e, sabemos, mais coisas.

Aluno 14: [Sim, por que] os meios digitais tem uma forma boa de esclarecimento da língua portuguesa ajudando a ficar mais fácil a aprendizagem.

Outros alunos, que não esses anteriormente citados, utilizam os meios digitais, principalmente, os usados com internet, como forma de complemento de seus estudos escolares, ainda que isso não seja exigido por seus professores. De forma autônoma, os alunos o fazem. Essa opção pode alimentar a conversa comum entre professores sobre o compromisso dos alunos com os estudos e com a prática da leitura. Nesse sentido, a iniciativa dos alunos nos mostra que a

demanda criada por eles, ou pelo que requer um estudo proposto apela para realização de outros fazeres que têm a leitura como atividade central. Inferimos que essa atitude passa por ações leitoras importantes que têm relação com a seleção do texto, apreciação do teor e sua adequação, nível da informatividade apresentada, relações intertextuais, entre outros aspectos. Todavia, o que de mais importante entendemos e queremos por isso sublinhar é que a iniciativa dos alunos passa pela relação interacional proporcionada pela palavra dada pelo professor, seu interlocutor, ainda na sala de aula, e que eles a mantêm ativa, expandida nas atividades que extensivamente passam para o seu comando, para a sua governabilidade, representando sua autonomia.

Os registros que seguem abonam nossos comentários:

Aluno 6: [Sim, por que] diversas vezes podemos pesquisar o que não entendemos ou até complementar o assunto, podemos também ver vídeos explicativos no You Tube.

Aluno 22: [Sim, porque] quando a professora passa um assunto aí a gente chega lá na internet e dá uma pesquisada para entender mais sobre o assunto.

Aluno 25: [Sim, porque] tem várias maneiras para estudar a língua portuguesa pelos meios digitais como um assunto que não deu para entender.

Aluno 31: [Sim, porquê] diversas vezes podemos pesquisar o que não entendemos ou até completar o assunto dado, podemos ver vídeo para ter mais explicações sobre o assunto dado ajudando bastante.

De forma independente, apartada da escola, do ponto de vista dos comandos e consignas das atividades escolares, os alunos demonstram ter necessidade de promoverem para si outras práticas interativas que venham a complementar seus estudos. A opção por vídeo-aulas demonstra, talvez, que vão em busca do conhecimento iniciado na escola, tratado por outras vezes e,

quem sabe, por outras estratégias pedagógicas diferenciadas. Mais uma vez, considerando os achados expostos anteriormente, valorizamos o que está potencializado pela interação promovida na sala de aula e o que, extensivamente, é realizado por opção dos alunos no ambiente digital.

Aluno 11: [Sim, pois] através de vídeos aulas é possível compreender melhor os assuntos.

Aluno 17: [Sim, pois] através de video aulas e possível compreender melhor o assunto e tirar duvidas.

Aluno 23: [Sim, porque] através dos meios digitais temos acesso a vídeo aulas sobre os assuntos, e temos como tira duvidas sobre os respectivos assuntos.

Aluno 6: [Sim, por que] diversas vezes podemos pesquisar o que não entendemos ou até complementar o assunto, podemos também ver vídeos explicativos no You Tube.

Alunos em número de 5 afirmaram que é fácil escrever nos meios digitais em decorrência do uso do corretor ortográfico e do teclado inteligente que sugere as palavras no início da digitação pretendida, usado, entre outros, nos aplicativos WhatsApp, Facebook, Messenger, como um benefício no aprendizado da Língua Portuguesa. Eis seus registros:

Aluno 9: [Sim, porque] meu celular tem corretor aí se eu tiver alguma dúvida eu uso.

Aluno 15: [Sim, porque] muitas palavras que agente escreve errado, o corretor corrige e agente toma noção de como se escreve.

Aluno 22: [Sim, porque] quando nós estamos usando os meios digitais tem vezes que nós erramos algumas palavras e a internet ajuda.

Aluno 27: [Sim. Por que] quando eu escrevo errado o corretor do celular ou do computador sempre corrige, aí quando eu vou escrever novamente eu já sei como escreve a palavra.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p116>

Aluno 28: [Sim, porque] nos celulares tem corretor e ele ajuda a escrever melhor português.

Para esses alunos, a facilidade do corretor ortográfico é algo positivo, pois não precisam se preocupar muito com o que escrevem. Entretanto, isso nem sempre pode ajudá-los, pois eles precisam aprender de verdade a escrita das palavras e as combinações de ordem sintática em suas falas. Se usado corretamente, para sanar dúvidas eventuais, de forma crítica, não haverá prejuízo, porém, se assim não o for, causará dependência e certa “preguiça mental” em memorizar e compreender a escrita das palavras, em sua etimologia e em sua formação, interferindo, portanto, em seu aprendizado. Curiosamente, alguns dos alunos pesquisados conseguiram perceber isso, a respeito do corretor ortográfico:

Aluno 8 : Nem tanto, as pessoas ficam dependentes do corretor.

Aluno 13: [Sim,] Porque a língua portuguesa ajuda muito nos meios digitais principalmente quando “agente” vai fazer algo no celular, vou escrever, e escreve errado e aí que entra os meios digitais o corretor corrige o errado. Isso pode ser bom ou não também...

Aluno 19: [Sim Não] porque tem o corretor e não pela dependência dele.

Ainda com relação ao corretor ortográfico, sabemos que ao digitarmos, normalmente, essa ferramenta é acionada, o que pode ajudar os alunos na escrita das palavras. Se for bem utilizado, pode funcionar como uma espécie de “dicionário ortográfico rápido”. Convém lembrar que a ortografia da língua, fruto de uma convenção, se caracteriza por estabelecer padrões para a forma escrita das palavras. A escrita, por sua vez, está relacionada com critérios etimológicos - ligados à origem das palavras - fonológicos - ligados aos

fonemas representados. É importante compreender que a ortografia é fruto de uma convenção. A forma de grafar as palavras, no nosso caso, é produto de acordos ortográficos que envolvem os diversos países em que a língua portuguesa é oficial. A melhor dinâmica de aprender a ortografia é ler, escrever e consultar o dicionário sempre que houver dúvida. Vale ressaltar, desde que não deixe o indivíduo dependente dele. Esse comentário se fez necessário, pelo que foi respondido pelo Aluno 20.

Aluno 20: [Sim.] Porque através da internet podemos corrigir alguns erros de português e tirar dúvidas etc.

Em relação ao uso efetivo daquilo que lhes é ensinado na escola, nas aulas de Língua Portuguesa, os alunos confirmam sua importância no seu dia a dia, entretanto, eles têm a ideia de que a disciplina só é útil para lhes ensinar a grafar e a falar corretamente as palavras, a usar a pontuação adequada etc., demonstrando que o que se ensina na escola volta-se, principalmente, para o aprendizado da língua normatizada, em sua forma escrita, e que esses conhecimentos são construídos e usados de maneira isolada, sem considerações em torno do contexto de produção. Nesse sentido, parecem prevalecer as concepções em torno da linguagem e ensino, tratadas por Geraldi (1984), que valorizam a expressão do pensamento e a comunicação, em sentido restrito.

Na perspectiva de Rojo e Barbosa (2015), isso pode ser compreendido pelo fato de o letramento escolar basear-se fortemente em uma prática que se volta principalmente para atividades que envolvem puras repetições e memorização de ideias conceituais baseadas em normas gramaticais, o que configura uma prática etnocentrada, em virtude de seu caráter monocultural.

Isto, pois, é algo muito preocupante e que tem trazido consequências desastrosas para o aprendizado dos alunos.

O ensino de Português deve ir muito além, incentivando os alunos a usar a língua, enquanto forma de interação humana, de expressão de ideias e exercício de criticidade perante os acontecimentos a sua volta. Isso, porém, somente se pode inferir em suas expressões. Seguem as selecionadas:

Aluno 2: [Sim. Porque] quando estou conversando com alguém faço o uso correto das palavras ou então quando estou escrevendo.

Aluno 4: [Sim, porque] é proveitoso e usamos, nas redes sociais, no dia a dia.

Aluno 5: [Sim. Por que] muitas vezes eu falava coisas erradas e com as aulas de português conseguir melhorar minha pronuncia.

Aluno 6: [Sim, por que] é proveitoso, usamos nas redes sociais no dia a dia e pra ir na rua.

Aluno 11: [Sim,] um pouco tento colocar em prática acentuação e pontuação.

Aluno 23: [Sim. Porque] através dos conhecimentos dela posso aprender mais e colocar em pratica o que foi ensinado em sala de aula.

Aluno 24: [Sim,] quanto ao uso certo das palavras.

Aluno 29: [Sim, porque] sempre tem palavras que agente fala que tem a ver com o que ela diz no nosso cotidiano.

O Aluno 27 declarou que não consegue associar o que é ensinado pela professora de Língua Portuguesa por ser diferente a maneira de usar a língua nas redes sociais. Isso se deve, possivelmente, ao uso de palavras de formas abreviadas, adequadas ao espaço virtual do gênero redes sociais, no qual, normalmente, a língua na dimensão informal é usada, não seguindo,

necessariamente, a convenção que é ensinada nos espaços escolares. Conta o aluno:

Aluno 27: [Não. Porque] tem coisas que as vezes não conseguimos falar e usar em redes sociais o que a professora fala.

Isso deve ser tratado em sala de aula, a fim de que o aluno possa usar a língua de acordo com a situação, e não achar que só existe um falar certo, único. O certo, no caso, pode ser entendido como o que é adequado ao contexto. Nesse sentido, as considerações de Orlandi (1987) sobre as condições de funcionamento da linguagem no contexto de produção são, sobremaneira, pertinentes.

Outro aluno, de forma bastante crítica, declarou que depende do interesse de cada um para haver aprendizado efetivo. Perguntamos, porém, será que o professor pode despertar e ampliar o interesse de alunos por meio de aulas voltadas ao uso de meios digitais, adequando-as à realidade cibercultural vivida? Traz um aluno, então, que

Aluno 10: [Sim. Porque,] a professora de português, fala coisas importantes para o nosso futuro, e isso o que ela fala vai facilitar e muito o nosso aprendizado, mas só depende do nosso interesse.

A maior parte dos alunos afirma ter facilidade em usar os meios digitais e isso deve ser aproveitado pelo professor de Língua Portuguesa, o qual deve articular suas aulas com essa forma de “autoletramento digital” (Xavier, 2008) demonstrado pelos alunos, favorecendo o aprendizado.

Aluno 10: [Sim. Porque] eu pesquiso, eu compreendo muito, porque lá vai ter facilidade com a internet, mas isso depende se você ler, e entender.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p116>

Aluno 12: [Sim, porque] se eu não entender umas palavras eu pesquiso para ver como é.

Aluno 23: [Sim. Porque] a linguagem são bem compreensíveis e nesse mundo temos facilidade em entender essas linguagens.

Por outro lado, há alunos que afirmaram encontrar algum tipo de dificuldade na leitura feita nos meios digitais. A noção polissêmica da leitura, Orlandi (1987) não nos permite desconsiderar os ditos. Confrontando o novo achado com os comentários ao que aludiram os Alunos 6; 22; 25; 31, com relação às suas iniciativas leitoras, queremos crer que diferenciadas são as experiências leitoras bem como os estágios específicos de desenvolvimento das capacidades cognitivas para esse fim. No caso em questão, vale sublinhar a demanda por aulas de estudo de texto, Geraldí (1984), não de leitura amplamente considerada, posto que os alunos registram necessidades pontuais. Observem:

Aluno 31: [Sim,] as vezes sinto dificuldade em entender o que eu leio nos meios digitais. As vezes eu leio varias vezes para entender o que se trata.

Aluno 3: Dificuldade por que as vezes não entendo as palavras.

Aluno 17: As vezes sinto dificuldade, mais procuro lê com bastante atenção ate conseguir compreender

Isso costuma ocorrer também em relação à escrita nos meios digitais. Há alunos que afirmam ter facilidade. Outros, por sua vez, não se sentem tão seguros. Com a prática, porém, eles vão minorando as barreiras. Desse modo:

Aluno 1: Facilidade por que é muito fácil de escrever.

Aluno 2: No começo sentia muita dificuldade, mas com o decorrer do tempo eu aprendi.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p116>

Aluno 4: [Sim,] porque eu já tou bem acostumada a digitar.

Aluno 5: [Sim,] tenho facilidade pra aprender no meio digital.

Aluno 10: [Sim.] Eu mesmo sinto facilidade, porque lá na pesquisa vai estar tudo certo, e bem explicativo, e também vai depender da leitura.

Aluno 29: Facilidade, porque é mais fácil e tem palavras que você fica na duvida se tem ou não acentos.

Aluno 31: [Sim,] por que eu já estou acostumada a digitar.

No caso de um aluno, parece confundir o ato de escrever, com o ato de digitar. Vejamos:

Aluno 31: [Sim,] por que eu já estou acostumada a digitar.

É justa a ambiguidade constituída: escrever e digitar, no contexto, podem gerar sinonímia, mas sabemos que são termos que não se confundem. O escrever composicionalmente requer capacidades diferenciadas daquelas do digitador. Como são limitadas as condições do questionário usado na recolha de informações, entendamos que a condição de saber digitar se constitui, no ambiente digital, como pré-requisito para o saber redigir.

Com o argumento de que é muito fácil e, lamentando o fato de ainda existirem pessoas que não conseguem escrever nos meios digitais, diz o Aluno 14:

Aluno 14: Sinto facilidade, por que escrever de uns tempos pra ca virou umas das coisas mais faceis de se fazer, existem ainda algumas pessoas que não sabem mais com tentativas sei que elas vão conseguir.

Ora, se é tão fácil escrever nos meios digitais, porque isso não se dá nos meios tipográficos, principalmente em contexto de escrita na sala de aula? Trata-se de algo no mínimo contraditório...

Divergindo de todos, quanto ao escrever nos ambientes digitais, o Aluno 12 afirmou que usa mais a forma oral, por meio do “comando de voz”, opção disponível no meio virtual. Isso para nós é de importância, vez que remete à ampliação do debate sobre as modalidades de uso da língua no ambiente em questão. Se o contexto do estudo se restringisse a aulas de Português, em sala de aula, comentaríamos sobre a infrequência de sua realização. O registro feito pelo aluno é o que segue:

Aluno 12: Eu escrevo de vez enquanto eu uso mais comando de voz.

Quando a natureza da pergunta foi relativa à preferência pelos suportes para leituras e realização de atividades de Língua Portuguesa, obtivemos o seguinte resultado: 41% dos alunos prefere os meios digitais no momento de realizar suas leituras e demais atividades voltadas à Língua Portuguesa; 29% ainda dá preferência aos meios tipográficos; e o mesmo percentual, 29% dos alunos, disse que gosta dos dois suportes, ou seja, utiliza e consegue fazer bom uso dos dois meios, no que remete à leitura e às atividades de Língua Portuguesa. Nesse sentido, é preciso afirmar que é possível somar e não restringir uma forma ou outra de aprender. O que importa é que é preciso tirar proveito de todos os espaços de aprendizagem da Língua Portuguesa, seja-os por meios físicos tipográficos, ou meios digitais, virtuais, ciberespaciais... A língua está em todos os espaços, afinal é o objeto principal para a concretização da interação humana.

Na continuidade, de forma sintética, trazemos os principais argumentos dos alunos envolvidos na pesquisa quanto à preferência dos meios pelos quais podem realizar leitura e outras atividades de Língua Portuguesa.

Quadro resumo das preferências dos meios digitais ou tipográficos para realização de leitura e atividades de Língua Portuguesa:

Tipográficos	Digitais	Ambos
Facilidade propiciada pelo livro conter mais conteúdo	Acesso e linguagem fáceis	Possibilidade de correção do que escreve
Acesso mesmo <i>off line</i> – está sempre à mão	Uso do celular à mão, a qualquer momento	Aprende-se mais usando os dois meios
As respostas são mais facilmente encontradas	Economia – os tipográficos custam caro	Os dois meios ajudam no aprendizado da LP
Nos meios digitais o conteúdo está reduzido	Podem ser feitas pesquisas mais complexas	Usa os meios digitais de forma complementar
	Ler na tela é melhor que ler no papel	Se precisar de informações resumidas usa os digitais; se mais completas, os tipográficos
	Variedade de conteúdo disponível	

Quando a questão a que se submeteram disse respeito aos suportes digitais em aulas de Português, as sugestões se diversificaram e se estenderam aos gêneros digitais.

No quadro, a informação segue exposta:

Quadro resumo de sugestões de suporte e gêneros textuais em aulas de Língua Portuguesa:

Suporte	Gêneros Digitais
Retroprojetores	Blogs
Data show	Vídeos
Lousas digitais	Filmes
Celular	Redes sociais

Leituras conclusivas... por ora

Não é de hoje que acumulamos alertas sobre a existência de crise na educação brasileira, sobretudo no que diz respeito ao ensino e à aprendizagem da Língua Portuguesa. Em 1984, Geraldi registrou sua compreensão, dizendo que, no inventário das deficiências que podiam ser apontadas como resultados do que já nos habituáramos a chamar de “crise do sistema educacional brasileiro”, o baixo nível de desempenho linguístico demonstrado por alunos no uso da língua, quer na modalidade oral, quer na modalidade escrita, ocupava lugar privilegiado. Além disso, comentou não faltar quem dissesse que os jovens daquela época não conseguiam expressar seu pensamento. E que, muito embora a humanidade estivesse na “era da comunicação”, constatava-se incapacidade generalizada de se articular um juízo e estruturar linguisticamente uma sentença. Para comprovação dessas afirmações dizia haver abundantes exemplos, a começar pelas redações de vestibulandos, chegando à crítica sobre as baixas tiragens de nossos jornais e de outros artefatos culturais impressos.

Os comentários que mais recentemente nos chegam são de ordem similar. Da considerada baixa qualidade das redações, agora do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM até a desatenção para com a leitura, como se o gosto pelo objeto não existisse, ouvimos de um tudo. Aliás, os registros dos alunos expostos neste artigo, se mostram típicos para abonação do que continua na pauta: parece haver uma crise no sistema educacional brasileiro do qual o uso da língua portuguesa pelos nossos alunos não se exclui. Há, entretanto, alguns aspectos do desenvolvimento revelado por aqueles com quem nos ocupamos, contemporaneamente, que precisam ser destacados: há bastante tempo, eles reconhecem haver novos suportes de leitura e de escrita, em meios digitais, que possibilitam o acesso à informação e ao conhecimento, seja sistemático ou não, ampliando o leque de opções relativo aos procedimentos de leitura e produção de textos escritos; a natureza do suporte abre espaço para haver, do mesmo modo, leitura e produção de textos de gêneros digitais diferenciados que, por terem peculiaridades, acionam usos de estratégias específicas. Nesse sentido, acessam páginas na internet para fazerem leituras de seu interesse pessoal, em sites, blogs, além de realizarem pesquisas escolares. Usam-na para entretenimento: jogam, ouvem músicas, assistem a filmes e participam, com alta frequência, das redes sociais. Em outras palavras, os alunos usam a língua portuguesa, a sua língua, de modo constante e diverso, em momentos vários do seu cotidiano.

Por meio de um dos procedimentos da pesquisa *Reflexos do Letramento Digital de Discentes nas Práticas Pedagógicas de Professores de Língua Portuguesa* podemos dizer que os alunos possuem meios que podem levá-los ao já aludido "estado ou condição adquiridos por quem exerce as práticas de leitura e escrita nos meios digitais, na tela...", afirmação de Soares (2009, p.

151), pois eles são de fato “letrados digitais”, ainda que em diferentes estágios ou níveis de letramento, e estão inseridos no mundo em que a tecnologia predomina cada vez mais.

Precisam, porém, que o professor os incentive a um uso mais consciente e crítico desses meios, para que seu letramento digital seja o mais completo e significativo, ampliando suas possibilidades. Nas ideias de Street (2014), é preciso um letramento crítico, que leve a leituras reflexivas e uso responsável dos ambientes virtuais.

Ficou nítido, também que os alunos gostariam que a professora de Língua Portuguesa usasse mais frequentemente os suportes e gêneros digitais em suas aulas para torná-las mais interessantes, produtivas e próximas de sua realidade comunicacional.

Não se pode deixar de falar que o uso dos ambientes digitais, de forma indiscriminada, desorientada, pode deixar as crianças e jovens suscetíveis a perigos “cibernéticos”, como games violentos, pornografia, exposição indevida nas redes sociais, dentre outros, o que tem assustado pais, psicólogos e professores, de forma geral.

Nesse sentido, é preciso vencer esse “medo”, pois não há como mudar essa realidade, afinal a cibercultura existe, os discentes usam as tecnologias digitais, muitas vezes de forma independente, o que torna explícito que é preciso, sim, que os professores de Língua Portuguesa devem aproveitar de forma mais completa esse “(auto)letramento digital” (Xavier, 2008) a fim de que possam aprender a língua portuguesa cada vez mais, de forma significativa e concreta.

Ante ao exposto, perguntamos: De que crise, então, nos falam, nos alertam? Na nossa compreensão, a crise de que nos falam contém sentido outro. Parece tratar-se de algum desvio em torno de questões da pedagogia da língua portuguesa que se vem perpetuando. Quando iniciamos este ensaio, sublinhamos duas variantes que a nosso ver soam como revolucionárias no âmbito educacional: a concepção interacionista da linguagem que clama pelo uso social da língua, em situações relativas ao falar, ouvir, ler e escrever e o mundo textual digital, objeto que se integra à vida social dos alunos, atendendo a demandas suas que, muitas vezes, são respondidas sem a mediação de professores. Ocorre considerar, contudo, que no espaço estreito destas reflexões nada nos levou a fazer a constatação de que há compreensão em torno da importância das duas variantes referidas nos dois tempos históricos diferenciados. Ao contrário: com relação à concepção interacionista da linguagem, consideramos que, a despeito de sua relevância como a que permite a verdadeira “vida” da língua, é preterida, e a premissa de que os estudos gramaticais valem mais prevalece. Com relação às experiências dos alunos nos ambientes digitais, constatamos riqueza, heterogeneidade, “autoletramento”, práticas interativas e extensivas demandadas por atividades escolares, sem que a conexão com a escola, com as aulas de língua portuguesa se mostrassem explicitamente.

A despeito disso, concluímos nossa leitura com expectativas positivas. Com relação às aulas de Português, uma certeza restou: mudaram-se os tempos. Uma dúvida, contudo, não nos abandonou: e as vontades? Por ora, aguardamos a posição da escola nesta era digital em que a voz dos alunos precisa ser somada à nossa como aliada e com capacidades que se diferenciam das nossas. Eles são digitais, reconheçamos. E nós? Analógicos, às vezes.

Referências

- ANTUNES, Irlandé. No meio do caminho tinha um equívoco: Gramática, tudo ou nada. In: BAGNO, Marcos. (Org.) **Linguística da Norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.p.115-121.
- BELTRÃO, Lícia Maria Freire. **A escrita do outro: anúncios de uma alegria possível**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394. Brasília-DF, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Ensino Fundamental e Médio. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAMÕES, Luís de. Soneto 45. In: CAMÕES, Luís de. **Obra completa em um volume**. Riode Janeiro: Editora Aguilar S/A, 1988, p.284.
- COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. (Orgs.) **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3ª ed.- Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2011.
- FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3ª Edição. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GERALDI, João Wanderley. **O Texto na Sala de Aula**. Cascavel: Assoeste, 1984.
- HAYAKAWA, Samuel Ichiey. **A linguagem no pensamento e na ação**. Tradução de José Simões. São Paulo: Pioneira, 1972.
- LEMOS, André; CUNHA, Paulo (Orgs.). **Olhares sobre a Cibercultura**. Sulina: Porto Alegre, 2003.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. COSTA, C. I. da(Trad.),3ª edição. São Paulo: Editora 34, 2010.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas, SP: Pontes, 1987.

PENTEADO, J. R. Whitaker. **A técnica da comunicação humana**. São Paulo: Pioneira, 1969.

ROJO, Roxane. BARBOSA, Jaqueline P. **Hipermodernidade, Multiletramentos e Gêneros Discursivos**. 1ª ed.- São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Tecnologia do ensino**. São Paulo: Herdes, 1972.

STREET, Brian. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução: Marcos Bagno. – 1ª ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SOARES, Magda. Português na escola. História de uma disciplina curricular. In: BAGNO, Marcos. (Org.) **Linguística da Norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.p.141-161.

_____. **Novas Práticas de Leitura e Escrita**: letramento na cibercultura. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em :< <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>.> Acesso em 10 de janeiro de.2016.

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. **Letramento Digital e Ensino**, 2008. Disponível em: <https://www.ufpe.br/nehete/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>. Acesso em 12 jan. 2016.